

O SISTEMA FALHOU

Amostragem

PABLO NAVARRO

O SISTEMA FALHOU

*Desconstruindo os mecanismos
de dominação da Esquerda*

70

O Sistema Falhou

Copyright © 2026 Edições 70

Edições 70 é um selo da editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books.

(STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.)

Copyright © 2026 Pablo Navarro

ISBN: 978-65-5427-362-6

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N3228

1. ed. Navarro, Pablo

O sistema falhou: desconstruindo os mecanismos de dominação da esquerda / Pablo Navarro. – 1. ed. Rio de Janeiro : Edições 70, 2026.

232 p.; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5427-362-6

1. Brasil – política. 2. Corrupção – Brasil.
3. Estado e sociedade. 4. Democracia – Brasil. 1. Título.

CDD 320.981

Índice para catálogo sistemático :

1. Ideologia e Discurso 320.5
2. Democracia e Crise Institucional 321.8

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Produtor Editorial:

Fonte Editorial



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

ASSOCIADO



Sumário

Prefácio	1
Introdução	3
Parte I	5
O problema da educação brasileira é político	7
Estupidificação da Educação (Resposta ao Le Monde)	37
Homeschooling	43
Educação, Direito ou Privilégio?	57
Reforma necessária	61
Parte II	71
Cultura popular e comportamento de manada	73
Covid-19	79
Racismo	97
Fundamentalista, não conservador	105
Resistência Conservadora	111
Pornografia, a doença do século	117
Rede Globo e seu conservadorismo imaginário	121
Redpill, a sabedoria filosófica de “Matrix”	127
Linguagem	131

O carnaval de Shakespeare	139
Ainda Temos a Internet, precisamos aprender a usá-la da forma correta	145
Parte III	155
“Democracia”, segundo a Esquerda	157
A utopia comunista	161
Milei acerta onde Bolsonaro errou	167
O que podemos aprender com Javier Milei	173
A direita se levanta	177
A polícia política da esquerda	183
Um “Suplício” na política	189
Claudine Gay, ideologia e meritocracia	195
O retorno de Trump e a resiliência Cristã-conservadora	201
Posfácio	205
Referências	209
Palavras-chave	217

Prefácio

INICIO ESTE PREFÁCIO COM as palavras de Aleksandr Solzhenitsyn — escritor, dramaturgo e historiador russo, prisioneiro político do regime comunista soviético:

“Os seres humanos nascem com capacidades diferentes. Se eles são livres, não são iguais. E se forem iguais, não serão livres.”

A história mostra que não existem condições reais para a construção de um mundo igualitário onde todos se desenvolvam conforme seus méritos, a menos que se suprima a liberdade individual. A tentativa de criar tal sociedade culminou, no século XX, na implementação de regimes comunistas que prometiam abolir as classes sociais, estatizar os meios de produção e restringir — ou até eliminar — a propriedade privada. Como afirma a Investopedia (2024), tais regimes propunham a “propriedade comunal dos meios de produção” e a dissolução das distinções econômicas entre os indivíduos.

No entanto, tais sistemas falharam. Falharam não por falta de intenção, mas porque, para funcionar, exigiam a anulação do ser humano enquanto indivíduo livre. A liberdade e a igualdade forçada são, por definição, incompatíveis. A queda do Muro de Berlim, em 1989, foi a comprovação concreta desse fracasso — a derrocada de um sistema que precisou da força, do controle estatal absoluto e da repressão para existir.

Dessa ruptura nasceu uma Nova Ordem Mundial, marcada pela globalização da economia, pelo avanço tecnológico e pela valorização da diversidade cultural. Contudo, essa mesma ordem trouxe consigo a ascensão de novas e sofisticadas narrativas ideológicas — de direita

e de esquerda — que disputam o imaginário coletivo por meio da linguagem, do ensino, da política e da cultura. É nesse novo campo de batalha simbólico que o livro *O Sistema Falhou* se insere, cumprindo um papel fundamental: iluminar as estratégias discursivas que buscam moldar consciências e formatar comportamentos.

O autor, Pablo Navarro, analisa com precisão cirúrgica o modo como a doutrinação igualitária se impõe na vida cotidiana. Em vez de promover o debate racional de ideias, setores da sociedade passaram a erguer “narrativas” — construções ideológicas que desprezam fatos, incentivam a adesão emocional e erigem o progressismo como uma espécie de nova religião, marcada pelo fanatismo, pelo divisionismo social (“nós contra eles”) e pela negação da verdade objetiva.

Os pilares dessa nova ortodoxia são diversos: a apologia ao igualitarismo radical, a desvalorização da família como núcleo de afeto e desenvolvimento, a secularização extrema (que desqualifica a fé como sinal de ignorância), a manipulação educacional (ou “lavagem cerebral”) e a dependência crescente do Estado como provedor universal — em detrimento da responsabilidade individual e da liberdade econômica.

Este livro oferece ao leitor exemplos claros e contundentes de como tais narrativas são construídas e disseminadas. Mais importante, propõe caminhos de resistência intelectual e cultural diante desse cenário. Contudo, é fundamental lembrar que, independentemente das visões ideológicas ou concepções de mundo, os pilares de qualquer sociedade verdadeiramente justa e próspera devem ser: a liberdade individual, a democracia representativa e o direito inviolável à propriedade privada.

Esses são os verdadeiros alicerces da civilização ocidental, e é em defesa deles que esta obra se ergue com coragem, clareza e profundidade.

Haroldo Monteiro

Introdução

GOSTARIA DE INICIAR ESTA introdução com uma frase do senador pelo estado de Arizona pelo Partido Republicano, candidato a presidente na eleição de 1964 nos Estados Unidos, Major-General da Força Aérea de Reserva Americana Nos anos de 1960 a 1964, e conhecido como "Sr. Conservador", o icônico Barry Goldwater: *“A ameaça comunista é muito maior do que a ameaça nazista jamais foi, pois os comunistas têm uma base muito mais forte e eficiente ao redor do mundo.”* Pretendo, nesta oportunidade, demonstrar as bases ideológicas do comunismo que ainda se mantém sorrateiramente ativas em nossa sociedade, com enfoque especial na educação, o principal pilar de sustentação de todas as nações economicamente desenvolvidas. Muitas pessoas acreditam que o comunismo foi “derrotado”, e que estamos livres de seus tentáculos. Argumento que não. Enfraquecemo-lo, porém seus ruidosos estertores denunciam sua renúncia a morrer em definitivo, mantendo-se relutantemente vivo em esferas cruciais de nossa sociedade, causando regresso, caos e confusão mesmo após mais de 30 anos desde a queda do Muro de Berlim e da Cortina de Ferro. Este pretensio trabalho visa apresentar ao leitor, de forma detalhada e calcada em ampla bibliografia, quais são as estruturas e ideologias comunistas que ainda dominam setores de nossa vida, para que possamos nos armar com a sabedoria necessária para varrer este leviatã moribundo de nossa pátria, de uma vez por todas. Boa leitura!

Amostragem

Parte I

Educação

Amostra

Amostragem

O problema da educação brasileira é político

SE LERMOS A ARGÚCIA de Alexis de Tocqueville em sua tese sobre a democracia americana, notamos algo inconteste: O americano ao longo dos séculos viveu por uma razão superior a seus desejos e caprichos pessoais, dedicando sua individualidade – em crescente cultivo e desenvolvimento – a propósitos coletivos superiores; o brasileiro, no entanto, sucumbiu à vida pautada por pretextos, destruindo sua individualidade para fixá-la a um coletivo inerme e incongruente de seus propósitos. Na sociedade americana, a democracia sobreviveu aos mais agressivos ataques; no Brasil, foi inconscientemente entregue às mãos de oportunistas que sequer encontraram qualquer espécie de resistência popular frente à usurpação de sua soberania. É óbvio: Os populistas, ao ascenderem ao poder, não fazem nada mais do que colher os louros de um processo iniciado muito antes de qualquer candidatura eleitoral ser formalizada.

Com efeito, tal é o paradoxo da pós modernidade: A suposta batalha entre diferentes tipos de populismo, onde o partidarismo impõe seus caprichos às massas, desprovidas das ferramentas para analisá-las em profundidade.

Bertrand de Jouvenel foi cirúrgico ao perceber que, haja o que houver, o poder do Estado sempre cresce. Daí para o fato de que social-liberais e socialistas tenham passado os últimos séculos debatendo qual é a forma mais elevada de cinismo, não é nada mais do que a confirmação de

que, seja por vias Estatizadas ou privatizadas, o cidadão é roubado. A democracia, assim como a luz elétrica ou o avião, representam o legado de grandes homens, que dedicaram suas vidas à elevação da humanidade a patamares de vida e coexistência superiores. E assim como a lâmpada deve ser trocada, e o avião necessita da manutenção constante, nossa democracia ruiu nas mãos de uma massa que abdicou de suas responsabilidades, exigindo, em contrapartida, cada vez mais "direitos", sem buscar saber como a engrenagem que baliza um equilíbrio saudável entre direitos e deveres funciona, ou se sequer ainda funciona.

Quando se ignora o passado, entrega-se o presente e o futuro às mãos de elites invariavelmente preocupadas consigo mesmas. Desconhecer os acertos do passado e, primordialmente, os erros de outrora, nos lega a repeti-los, reduzindo o governo democrático, "instrumento político mais importante dos tempos modernos" como o chamou Sir Henry Maine, à triste definição de Thomas Paine: "Um mal intolerável".

Pode-se dizer que as políticas de tolerância – e até mesmo fomento ao crime – nada mais são do que uma rendição da elite política às massas, para se perpetuar ad aeternum no poder. Se não há meios para elevar o QI e a consciência das massas, a elite política aplicará um paliativo: Tornar o crime, por meio do direito positivo, um direito humano de "sobrevivência do mais forte". E mais fácil exaurir-se de consertar um problema por meio da transformação – meramente verbal – deste problema em característica social aceitável. Resta a pergunta: Como chegamos a tal ponto de decadência civilizacional?

“Ninguém matou mais comunistas do que os próprios comunistas”, disse o saudoso escritor, filósofo e professor Olavo de Carvalho em uma de suas inesquecíveis aulas do COF – *Curso Online de Filosofia* – que inundou minhas noites de sábado com conhecimento, alta cultura e sabedoria por tantos anos, e a máxima é verdadeira. E digo mais: Os comunistas ainda continuam matando comunistas, não comunistas, e mesmo aqueles que sequer ouviram falar sobre o termo em questão, sem qualquer distinção. Examinaremos quais são as diversas formas

de dominação ideológica e aniquilação de consciências e inteligências perpetradas por este nefasto movimento totalitário que ainda nos afetam, direta ou indiretamente. Mas antes, como diria ainda Olavo, “há aí algum esclarecimento” sobre os termos “nazista”, “fascista” e “comunista”, e é mister termos em mente as similaridades entre tais movimentos políticos totalitários, principalmente em decorrência das infelizes declarações de nosso presidente, o Senhor Lula, e como a terminologia técnica sucumbiu a utilizações historicamente incoerentes, com propósitos derogatórios ao Conservadorismo, desligadas de suas etimologias oficiais, para servir a propósitos puramente eleitorais, como palavras-gatilho vazias, infundadas e desprovidas de qualquer significado lógico.

Ludwig Von Mises, o pai do Liberalismo Clássico e da Escola Austríaca de Economia deixa claro, em seu formidável livro “*O Governo Onipotente*”, que nazismo, fascismo e comunismo são oriundos do mesmo ethos: Ódio à meritocracia, ao livre mercado e à livre concorrência. A centralização política e econômica, diz Mises, foi a mesma em todos os supramencionados regimes, Hitlerista, Fascista e Stalinista; a única diferença é que, no Fascismo e no Comunismo, um invejoso poderia denunciar seu vizinho mais bem sucedido como “revisionista”, “conspiracionista” ou “dissidente”, e, no nazismo, simplesmente como “judeu”, o que serviu como pano de fundo para sustentar a insanidade de tais configurações políticas por muitos anos. O termo técnico em formato de substantivo atribuído àqueles que, por razões coletivistas ou intrinsecamente individualistas, escolheram legitimar tais governos, acreditando assim estar obtendo benesses sociais, é apenas um: Colaboracionista. Pessoas que deliberadamente perpetuaram o genocídio. Como disse o icônico Primeiro Ministro Britânico Winston Churchill, “*um apaziguador é alguém que alimenta um crocodilo, esperando ser devorado por último*”. E de fato foram. O que isto tem de similar ao conservadorismo? Nada.

Quando Stalin assume o poder, após a morte de Lênin, em 21 de janeiro de 1924, as diretrizes da política Soviética tomaram rumos

muito mais extremos. Com sua rápida industrialização e coletivização da economia centralizada no Estado, o “Homem de Aço” (como ficou conhecido) Josef Stalin revogou tanto os tratados de cooperação entre micro e pequenos empresários e as frentes governamentais – modelo oligárquico utilizado por Lênin – bem como a redistribuição de renda entre órgãos da sociedade organizada do proletariado, tornando a União Soviética um regime de repressão, propaganda ultranacionalista (Culto à Personalidade), perseguição policial, exploração da sociedade civil, trabalho sem remuneração, fome e terror, onde apenas a elite econômica, artistas, intelectuais e membros do Partido obtinham acesso a uma subsistência digna.

“Foi exclusivamente culpa de Stalin que uma burocracia absolutista e irresponsável tornou-se suprema, que uma classe de [ainda mais] privilegiados oligarcas desfrutaram do luxo enquanto as massas viviam às margens da inanição, que um regime terrorista executou a velha guarda de revolucionários e condenou milhões ao trabalho escravo em campos de concentração (Gulags), que a polícia secreta era onipotente, e que os sindicatos tornaram-se impotentes, e as massas perderam todos os direitos e liberdades“, escreveu Ludwig Von Mises no livro “Socialism: An Economic and Sociological Analysis”.

Qualquer similaridade com o Brasil de hoje? A única diferença é que a esquerda atual é ainda mais ardilosa e populista do que a de outrora, apelando mais ao controle puramente mental do povo, ao invés de estar limitada à força bruta. Pautas utópicas e contraproducentes à economia nacional, como a pretensa, porém perigosa “PEC 6x1” de autoria da Deputada Federal Erika Hilton (PSOL-SP), que visa alterar o artigo 7º da Constituição, no inciso 8, que trata da jornada de trabalho, propondo a mudança para a jornada 4x3, preservados os salários e remunerações prévias. Como informou Ivo Dall’Acqua Júnior, presidente executivo em exercício da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) à CNN, outro fator além de um

possível aumento de custo para empresários de diferentes setores e ao consumidor, é a redução de competitividade.

Ao reduzir a jornada sem reduzir salário, você está comprometendo os custos da empresa. Grande parte dos empregos no setor de comércio vem de micro e pequenos negócios, que teriam a força de trabalho dos funcionários suprimida em 25% e custos que aumentariam em 40%. Muitas empresas não conseguiriam se adequar a isso, levando a uma queda de competição e ainda mais de produtividade.

O Estado interventor sempre se apresenta como o “grande defensor dos interesses da coletividade”, mas, além da retórica, será que suas propostas são verdadeiramente bem intencionadas?

Stalin e seus porta-vozes se empenhavam em salientar que a exploração do homem pelo homem havia sido extinta na URSS. Pintavam os direitos dos cidadãos soviéticos com as cores mais agradáveis possíveis. Segundo eles, a constituição garantia a liberdade de expressão e de culto, uma imprensa livre, direito de reunião e realização de passeatas. Os cidadãos tinham assegurados também o direito a emprego (numa época em que as outras economias globais haviam sido atingidas pela Grande Depressão), a ‘educação’, o descanso remunerado e o lazer.

Na teoria, algo belíssimo, dotado de inenarrável respeito aos mais prosaicos direitos humanos do povo soviético. Na prática? As coisas não foram bem assim.

- O “Direito ao Trabalho” era determinado pelo Partido. As pessoas “conseguiram empregos” baseados nas necessidades da economia planejada ao invés de em suas escolhas pessoais.

- A “educação” Stalinista era calcada nos interesses do Partido, e qualquer espécie de liberdade intelectual era violentamente reprimida. A doutrinação ideológica era extrema, e a educação era apenas uma ferramenta político-ideológica a ser utilizada pelo partido.

- Descanso Remunerado e Lazer: Formas de lazer que não estivessem em direta concordância às “diretrizes do Partido” eram “desencorajadas.”

Esse é o socialismo na forma do estamento burocrático cujos capitães foram muito eficientes em inverter a função do Estado liberal por meio do exagero de sua função protetora de direitos, a fim de que comandassem cada vez mais os meios de produção privados e se perpetuassem no poder. Especificamente no Brasil, que começou a implementar um Estado nos moldes socialistas a partir de 1934, notamos como a defesa de novos “direitos adquiridos” –como à saúde, ao emprego, à moradia, à alimentação, à educação, ao trabalho, à maternidade, à greve, ao repouso, à assistência social, ao lazer, aos sindicatos etc. –ajudou a criar inúmeros tributos para custear novos ministérios, autarquias e departamentos de Estado. [...] Logo, tudo que não fosse permitido, tornou-se proibido. O Estado assumindo para si a obrigação de garantir todos os direitos possíveis e inimagináveis da sociedade limitou a sociedade a uma entidade pagadora de impostos.

A análise de Luiz Philippe sobre a herança maldita do Stalinismo na política brasileira é irrefutavelmente certa. Tudo devidamente

realizado pelas esquerdas em nome dos “direitos humanos” e da “justiça social.”

Mas não é isso o que o sistema brasileiro criou? De modo algum. Há tantas atribuições auferidas ao Estado brasileiro na Constituição de 1988 que as premissas fundamentais se perderam. Quando cabe ao Estado defender direitos trabalhistas, de moradia, de saúde, de educação, de emprego, de transporte público, de lazer etc., fica difícil cumprir a contento a sua função básica.

O processo que começa com busca de privilégios, facilidades e perpetuação no poder termina em cleptocracia e plutocracia. E a história demonstra que tal percepção é antes uma regra, e não apenas exceção.

No que isto concerne à Educação Brasileira no Séc XXI, você deve estar se perguntando. Pois bem. O fato é que as mesmas raízes Marxistas que pautaram a queda da velha república de Weimar, a infame Marcha sobre Roma de Benito Mussolini e os levantes revolucionários Leninistas na União Soviética em 1917, e, sim: Nossa massacrada Constituição de 1988, como brilhantemente demonstra o escritor e Deputado Federal Luiz Philippe de Orleans e Bragança em seus excelentes livros “Por Quê o Brasil é um País Atrasado” e “Os 7 Poderes”, são EXATAMENTE AS MESMAS. O eleitorado se recicla a cada eleição, e os movimentos totalitários descobriram como garantir o voto das próximas gerações de eleitores: Educação!

Nos dias atuais, nossas escolas, como disse John Taylor Gatto, celebrado autor best-seller e eleito o melhor professor da cidade e posteriormente do Estado de Nova York, “*emburrecem*” seus alunos... ou deveríamos dizer vítimas? Emburrecer para dividir, e dividir para conquistar, eis a *modus operandi* da esquerda contemporânea para manter-se eleitoralmente

relevante. Afinal, como nos disse Aldous Huxley em “Regresso ao Admirável Mundo Novo”:

Uma propaganda eficiente e racional só se torna possível quando há uma compreensão clara, por parte de todos a quem é dirigida, da natureza dos símbolos e de suas relações com as coisas e os fatos representados. A eficiência da propaganda irracional depende de uma derrocada geral da compreensão da natureza dos símbolos.

E convenhamos, é necessário ser alguém intelectualmente desvirtuado para acreditar nas patacoadas imbecis do PT.

Iniciemos então nossa pretensa investigação sobre nossa catastrófica educação, desenvolvida para emburrecer gerações de seres humanos desde a primeira e mais importante etapa da escolarização: A alfabetização. Quando o filósofo Olavo de Carvalho disse, em uma de suas inúmeras palestras, que os métodos ditos “construtivistas” de educação causam lesões neurológicas em suas inermes cobaias, ele não estava blefando. O neurocientista francês Stanislas Dehaene demonstra, no livro “*Os Neurônios da Leitura*”, que a lesão em questão se trata de algo chamado “*alexia severa*” – distúrbio seletivo do reconhecimento visual das palavras – ou, simplesmente, dificuldade de identificar fonemas, grafemas e sílabas, que são as relações das letras e dos morfemas entre si.

Entendamos a lesão em si de forma mais minuciosa.

Como cita o filósofo francês Pierre Aubenque,

Os neoplatônicos, partindo do princípio de que o princípio de tudo o que é deve ser distinto do que é, inferirão que o princípio está além do ser e, portanto, que é o não-ser. Aristóteles, pelo contrário, parte do fato de que o princípio é o ser para concluir que o que dele deriva, ou melhor, o

que para ele tende, implica uma parte de não-ser; «a natureza tende sempre para o melhor, e é melhor ser do que não-ser..., mas o ser não pode pertencer a todas as coisas, pois elas estão muito distantes de seu princípio».

O trecho de "El Problema Del Ser en Aristóteles" toca em uma distinção chave sobre como a filosofia aristotélica entende o ser e as limitações das coisas em relação aos seus princípios. Para relacionar isso ao trabalho de Stanislas Dehaene sobre como os humanos aprendem a ler e a ideia da "Forma Global" das palavras, precisamos considerar tanto a visão aristotélica sobre o conhecimento natural e o ser quanto a maneira como a ciência cognitiva de Dehaene se conecta com a natureza do aprendizado humano. A compreensão aristotélica do ser está enraizada na ideia de que tudo tem um princípio, e esse princípio está intimamente ligado à natureza do que algo é. No trecho de Aubenque, enfatiza-se que, enquanto os neoplatônicos argumentavam que o princípio de todo ser deveria estar além do ser (ou seja, no não-ser), Aristóteles adotou uma abordagem diferente. Para Aristóteles, o princípio é o ser em si, e assim, tudo o que existe é uma expressão ou realização desse princípio do ser. No entanto, esse ser não é uniforme entre todas as coisas—algumas estão mais próximas de seu princípio, enquanto outras estão mais distantes, o que implica níveis variados de perfeição ou atualizações.

A visão de Aristóteles sugere que a natureza tende para o melhor, mas nem tudo pode atingir seu potencial máximo devido às limitações naturais. Por isso, "o ser" não pode pertencer a todas as coisas igualmente, pois algumas estão muito distantes do ideal ou do princípio do ser.

A pesquisa de Stanislas Dehaene sobre leitura foca em como o cérebro processa a linguagem escrita. Um dos achados-chave de seu trabalho é a dificuldade que os humanos enfrentam ao tentar aprender a ler se eles dependem de uma abordagem de "Forma Global" — reconhecer palavras inteiras como unidades ou formas, em vez de decompor as palavras em

seus componentes (ou seja, letras e fonemas). Dehaene enfatiza que os humanos não estão naturalmente equipados para processar a linguagem de maneira holística ou "global". Em vez disso, aprender a ler de forma eficaz exige que o cérebro se adapte a um processo mais analítico, no qual as letras e sons individuais sejam decodificados para formar o significado.

O olho humano não é capaz de absorver simultaneamente todos os caracteres de uma palavra, o que destarte já seria mais do que suficiente para refutar o tal “método global de alfabetização”; Como nos diz Stanislas Dehaene

o objeto visual explode em miríades de pequenos fragmentos que nosso cérebro se esforça em recompor, traço por traço, letra após letra. Reconhecer uma palavra consiste, primeiramente, em analisar essa cadeia das letras e aí descobrir as combinações das letras (sílabas, prefixos, sufixos, radicais das palavras), para enfim associá-las aos sons e aos sentidos. É somente porque as operações foram automatizadas em anos de aprendizagem e porque se desenvolvem em paralelo, fora de nossa consciência, que pode persistir durante tantos anos a hipótese naïve de uma leitura imediata e global.

Possuir domínio técnico-gramatical sobre o idioma no qual se pretende ler é imprescindível para a aquisição de novos vocábulos – portanto, de um leque de percepções lógico-sensoriais mais amplo. Como já dizia o Professor Olavo de Carvalho, qualquer aspecto da realidade só pode ser verdadeiramente compreendido se a capacidade linguístico-analítica do observador lhe for suficiente para inteligir com o dado exterior captado de forma minimamente coerente, ou, como citado no livro “Edmund Husserl Contra o Psicologismo”,

o conhecimento não é senão uma das muitas maneiras de participação, a qual subentende entre sujeito e objeto um princípio de veracidade. Todo objeto tem um conjunto de aparências que emite para os demais entes.

Uma linguagem deficitária priva o ente de uma compreensão satisfatória sobre um objeto concreto ou conceito abstrato, seja ele simples ou complexo; é o mesmo déficit de percepção, compreensão e apreensão que todo ser humano tem ao observar um objeto à distância, sem poder tocá-lo ou modificar seu ângulo de visualização para um exame mais minucioso. As ditas palavras chamadas de “falsos cognatos” entre nossa língua portuguesa e o Inglês, por exemplo, corroboram este argumento. Por exemplo, no verbo em Inglês “to intend”, um leitor desavisado pode presumir com certeza tratar-se do nosso equivalente “entender”, quando na verdade significa “fingir”, enquanto fingir traduz-se como “pretend”. Se a própria aquisição de um segundo idioma em si já demanda nuances visuais e cognitivas altamente complexas, o que podemos dizer então com relação a conceitos muito mais sensíveis, como “livre mercado”, “ética”, “meritocracia” e “democracia”, por exemplo? Não à toa, Lula seria alvo de chacota generalizada em qualquer outra época um pouco mais civilizada e educada de nossa civilização do que a atual, ao balbuciar a palavra “nazismo” sem o mais ínfimo amparo etimológico. Mas, não sejamos saudosistas ou nostálgicos, mas analisemos o passado com o único intuito de não repetir seus erros no presente.

A forma mais perfeita de atingir o rigor científico de um objeto a ser analisado é o método denominado por Aristóteles de “*peirástica*, dialética forte, ou simplesmente método dialético de Aristóteles”, como cita Olavo de Carvalho. A *confrontação de hipóteses* e a assimetria entre a verificação e a falsificação de uma teoria. A busca pela “*forma substancial*” de um ente ou teoria. Nada melhor do que introduzir o tópico atendo-nos ao rigor do método de Aristóteles, “pai da *teleonomia*” – a qualidade de ter

um propósito aparente e de direcionar objetivos em organismos vivos, segundo Ernst Mayr, portanto – justiça seja feita ao Estagirita – também um dos pais da Neurociência.

A Origem de Todos os Males

Todo mal tem uma origem, e a pedagogia behaviorista – parteira do método global de alfabetização – não nasceu de boas intenções, mesmo ainda sendo altamente popular no Brasil, em detrimento de seus resultados catastróficos. No livro “O Fantasma da Máquina”, Arthur Koestler nos apresenta a horripilante verdade:

Durante os últimos cinquenta anos, a preocupação principal da escola behaviorista tem sido um estudo de certos aspectos mensuráveis do comportamento dos ratos, e o grosso da literatura behaviorista é dedicado a esse estudo (p. 19).

O livro de Koestler foi publicado em 1967, o que significa que os “últimos cinquenta anos” de domínio pedagógico behaviorista já ultrapassam mais de *cem*, e o Brasil tem sido uma de suas mais prejudicadas vítimas.

Assíduo crítico de teóricos como B.F. Skinner e John Watson nos campos da psicanálise, psicologia e psicopedagogia, Koestler definiu o behaviorismo como uma ferramenta “excessivamente reducionista” e “desumanizadora” para compreender a natureza humana, e nesta obra que, como lucidamente pontua Olavo de Carvalho “absolutamente demole as teorias educacionais progressistas”, demonstrou como tais teorias proto-revolucionárias arrancam de suas vítimas qualquer individualidade ao reduzi-las a organismos de estímulo-resposta, como ratos em um laboratório.

Tais condicionamentos têm muito em comum com as técnicas Pavlovianas (Dr. Ivan Pavlov – Fisiologista russo. 1849 – 1936) de adestramento canino. Como explica Aldous Huxley ainda em “Regresso ao Admirável Mundo Novo”:

Se o sistema nervoso central dos cães pode ser levado a soçobrar, o sistema nervoso central dos prisioneiros políticos pode sê-lo da mesma forma. É apenas uma questão de aplicar a quantidade exata de tensão durante o tempo adequado. Ao final do tratamento, o prisioneiro estará em estado de neurose ou de histeria e, portanto, apto a confessar o que os seus captores desejarem que confesse.

Não se enganem: Os alunos do “ensino das massas”, como o chamou René Guénon em “A Crise do Mundo Moderno”, são perfeitos prisioneiros políticos de um sistema sob o qual não possuem qualquer influência, “vigiados” pela “polícia Conselho Tutelar”, cuja missão é garantir que o Estado tenha a presença das vítimas inermes, para que possa concluir de maneira eficaz sua doutrinação e massificação. “O ditador inteligente e prático não precisa de um paciente para ser hospitalizado, ou de uma vítima para ser abatida, porém de um convertido que trabalhe pela causa.”

É perturbador pensar que as metodologias educacionais contemporâneas derivam disso; evidencia-se aí um claro intento de engenharia social e limitação intelectual das massas, promovendo a visão de que seres humanos são entidades que podem ser moldadas através de condicionamento, sem qualquer consideração sobre suas características mais individuais e idiossincráticas, como a criatividade, a liberdade de pensamento ou a moral. Os propósitos para tamanha monstruosidade são, evidentemente, políticos.